

QUEM SÃO E NO QUE ACREDITAM OS ELEITORES DE JAIR BOLSONARO

Coordenação: Isabela Oliveira Kalil*

E-mail: oliveira.isabela@gmail.com

Realização:

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Outubro | 2018

Principais Resultados

- A pesquisa agrupou 16 tipos de apoiadores, eleitores e potenciais eleitores de Jair Bolsonaro, de acordo com marcadores de classe social, raça/etnia, identidade de gênero, religião, formas de engajamento e crenças. A pesquisa considera o que repudiam e o que desejam, aspiram ou imaginam para o futuro para um eventual governo presidido por Jair Bolsonaro.

- A pesquisa antropológica foi realizada a partir da experiência de levantamento de dados etnográficos em protestos e manifestações iniciados na cidade de Nova Iorque, na Universidade de Columbia, no ano de 2011 com o movimento Occupy Wall Street e foi continuada, no Brasil, na Fundação Escola de Sociologia e Política com a observação dos protestos de junho de 2013 e várias manifestações que se seguiram até o ano de 2018, na cidade de São Paulo. Os esforços são parte também de uma pesquisa internacional em 10 países da América Latina sobre conservadorismo e políticas anti-gênero na América Latina coordenado pelo *Sexuality Policy Watch* (www.sxpolitics.org), um fórum global composto de pesquisadores de diferentes regiões do mundo. .

- Especificamente sobre a observação das manifestações de conservadores, liberais, direita ou extrema direita, a pesquisa considera o acompanhamento de grupos e movimentos nas ruas e nas redes sociais com a coleta de dados por quase três anos - realizada entre início de 2016 e final de 2018.

*A pesquisa foi realizada pelo NEU (Núcleo de Etnografia Urbana e Audiovisual) da Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Colaboraram para a elaboração dos perfis Álex Kalil, Felipe Paludetti, Gabriela Melo, Weslei Pinheiro e Wiverson Azarias. O presente relatório apresenta uma versão reduzida de trabalho e de divulgação dos resultados mais amplos da pesquisa ainda em fase de elaboração.

O primeiro levantamento de dados foi realizado no acampamento da FIESP, em São Paulo, no ano de 2016 e outras manifestações em apoio ao impeachment de Dilma Rousseff. O último levantamento foi realizado durante o primeiro turno das eleições presidenciais, em outubro de 2018. Foram consideradas diversas manifestações públicas tanto do campo progressista quanto do campo conservador na capital paulista. Ao todo, foram ouvidas pouco mais de 1000 pessoas, entre 2016 e 2018.

- A análise dos dados revela uma multiplicidade no padrão de eleitores e o mais importante: a estratégia de comunicação do candidato Jair Bolsonaro, até a realização do primeiro turno eleitoral se baseou em segmentar as informações para os diferentes perfis de potenciais eleitores. Para quem acompanha a trajetória de Bolsonaro parece haver uma série de contradições e incoerências em seus discursos. Esta forma de se comunicar e se posicionar em relação a assuntos polêmicos gerou uma reação do campo progressista que passou a identificar nele elementos como a falta de coerência, baixa capacidade de articulação política ou ainda a presença de posicionamentos desprovidos de sentido. No entanto, ao segmentar o direcionamento de suas mensagens para grupos específicos, a figura do “mito” – como é chamado por seus eleitores – consegue assumir diferentes formas, a partir das aspirações de seus apoiadores. A pesquisa trata dessa multiplicidade.

1. Introdução

A matéria publicada pelo jornal The New York Times, no dia 24 de setembro de 2018, trata do cenário brasileiro nas eleições presidenciais. O editorial do jornal define o primeiro candidato nas intenções de voto, Jair Bolsonaro, como “um político que publicamente define as mulheres de ignorantes, muito feias para serem estupradas ou que não merecem os mesmos salários que os homens” e aponta como a disparidade de intenção de votos entre homens e mulheres no Brasil pode ser comparada com um fenômeno ocorrido que ocorreu nos Estados Unidos durante as eleições, após Donald Trump direcionar uma série de comentários misóginos a sua rival Hilary Clinton.

Da mesma forma que nos Estados Unidos, as mulheres brasileiras se mobilizaram em torno da campanha #NotHim (#EleNão) como uma forma de resistência à candidatura de Bolsonaro, que representa a extrema direita secular e religiosa no Brasil. O candidato, que é pai de quatro filhos (todos atuantes na política), em uma de suas falas públicas chegou a afirmar que sua filha caçula foi um momento de fraqueza (“fraquejada”). As mobilizações contra o candidato passaram a incluir um grupo de mulheres no Facebook com quase 4 milhões de participantes e uma série de atos realizados simultaneamente em várias cidades brasileiras e manifestações de apoio internacionais com protestos fora do Brasil.

Para entender como Bolsonaro (que formalizou sua filiação partidária em março de 2018 a um partido até então pouco expressivo) conseguiu aumentar sua base de apoio é preciso considerar o conturbado cenário eleitoral. Até o início de setembro deste ano, o candidato do partido de esquerda PT (Partido dos Trabalhadores) era Luiz Inácio Lula da Silva – já duas vezes eleito presidente. Lula seguia como pré-candidato apesar de estar preso desde abril acusado de corrupção em uma ação que tem sido considerada como parte de um golpe para impedir sua candidatura. Mesmo da prisão, Lula estava com 40% das intenções de voto, seguido de Bolsonaro com 20%, de acordo com as pesquisas de agosto. Em setembro, a justiça eleitoral brasileira indeferiu o registro da candidatura de Lula e, em seu lugar, foi indicado o vice, Fernando Haddad, do mesmo partido.

O que chama atenção nestas eleições é que se Lula fez boa parte de sua campanha da prisão, Bolsonaro fez sua campanha do hospital. No início de setembro, Bolsonaro levou uma facada enquanto estava em um ato de campanha. O atentado o obrigou a passar o último mês da disputa presidencial hospitalizado. Mesmo sem estar nas ruas ou participar de debates, a última pesquisa antes das eleições apontava Bolsonaro com 35% das intenções de voto e Haddad com 22%. Com uma disputa tão conturbada, o voto feminino nunca foi tão disputado no Brasil com uma grande disparidade na intenção de votos entre homens e mulheres.

O aspecto mais inesperado nesta série de eventos é que as primeiras pesquisas de intenção de voto (atualizadas quase diariamente) mostraram a rejeição de Bolsonaro cair entre o público feminino e seu apoio aumentar exatamente logo após a realização de uma série de atos da campanha #EleNão em que mulheres foram às ruas expressar repúdio à sua candidatura. A divulgação destes dados gerou, inclusive, reações controversas que passaram a ver no movimento #EleNão a razão para esta mudança, contrária aos objetivos do próprio movimento.

Se de um lado, essa inflexão parece ter revelado traços fortes de anti-feminismo no eleitorado feminino, por outro, é preciso analisar esse aumento da adesão de mulheres à campanha do candidato de extrema direita tomando em conta outros acontecimentos que ocorreram no mesmo final de semana dos atos #EleNão. Entre eles, mudanças nas estratégias de campanha do candidato, a declaração de intenção de voto de líderes religiosos, ações de propaganda por parte de seus apoiadores e sua alta hospitalar.

Seja como for essa migração do voto feminino, embora não determinante, deve ser contabilizada na vitória do candidato no primeiro turno com 49% dos votos válidos, seguido de 31% dos votos para Fernando Haddad. Essa dinâmica volátil e complexa nos diz o quanto é importante compreender quem são os eleitores de Jair Bolsonaro e quais são suas motivações.

2. Notas metodológicas

Os perfis dos eleitores de Bolsonaro apresentam uma síntese preliminar de parte da pesquisa realizada em protestos, manifestações e atos políticos ocorridos na cidade de São Paulo, entre 2013 e 2018. Especificamente sobre as manifestações da direita e ultradireita na cidade de São Paulo, a pesquisa considera uma série de eventos realizados entre 2016 e 2018.

Entre eles, atos a favor do impeachment de Dilma Rousseff, atos de apoio à Operação Lava-Jato, manifestações de apoio ao juiz Sérgio Moro, manifestações contra o STF, marchas contra a ONU, marchas contra as drogas, marchas pela família, manifestações contra o aborto, carreatas em apoio a Bolsonaro, atos contra corrupção, manifestações pela prisão de Lula, marcha pelo PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas), atos contra as manifestações de mulheres e feministas, apoio à greve dos caminhoneiros, eventos de lançamento de candidaturas de deputados estaduais, deputados federais e governador, entre outros pequenos eventos.

A pesquisa foi realizada com base na coleta de dados a partir de quatro metodologias distintas:

1) manifestações ou eventos públicos de curta duração em que foram realizadas a observação de campo e um número mais reduzido de entrevistas, podendo ser estas mais curtas ou em profundidade

2) a observação de campo e a realização de entrevistas em profundidade durante quatro meses na ocupação do Acampamento Patriótico de Resistência Paulista, em frente à FIESP (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo), na Avenida Paulista, durante o processo de impeachment

3) observação de campo, entrevistas em profundidade e pesquisa quantitativa tipo survey no Ato de repúdio a Judith Butler: católicos e evangélicos contra a ideologia de gênero, no final de 2017, nesta ocasião foram ouvidas 93 pessoas para o questionário quantitativo de múltipla escolha e realizadas 31 entrevistas qualitativas

4) acompanhamento dos eventos nas redes sociais, análise do conteúdo produzido por seus organizadores e veiculados na internet, interação e participação de grupos de WhatsApp

5) observação das manifestações e eventos durante as eleições de 2018

Dos diferentes atos e eventos observados, a pesquisa privilegia os dados coletados no acampamento da FIESP, em 2016, e o evento contra a filósofa Judith Butler, em 2017. Em ambos, os eventos serviram como “laboratórios” de experimentação da ultradireita em São Paulo em manifestações públicas. Nos dois casos, a pesquisa contou a participação de uma equipe de pesquisadores na condução de uma pesquisa coletiva. E também observou não apenas a ação dos conservadores, mas a relação destes com protestos contrários a essas manifestações públicas.

Ao observar a atuação política tanto do campo mais conservador quanto do campo mais progressista, um dado importante é o de que a extrema direita, no Brasil, tem feito das manifestações de rua uma espécie de “laboratório de experimentação”, um campo de testes para colocar à prova uma nova forma de comunicação e, conseqüentemente, de se fazer política. Assim, trata-se de um fenômeno que ocorre na internet, mas que é parte de uma articulação entre as ruas e as redes sociais. Nesse registro, e no que diz respeito aos grupos e visões da direita, o protesto de novembro de 2017 contra a presença de Judith Butler no Brasil, tem especial relevância pois nele já se delineavam com bastante clareza os contornos do que assistimos na eleição de 2018, em termos de atores envolvidos e repertórios imagéticos e discursivos utilizados.

A análise dos dados revela uma multiplicidade no padrão de eleitores e o mais importante: a estratégia de comunicação do candidato Jair Bolsonaro, até a realização do primeiro turno eleitoral se baseou em segmentar as informações para os diferentes perfis de potenciais eleitores. Para quem acompanha a trajetória de Bolsonaro parece haver uma série de contradições e incoerências em seus discursos. Esta forma de se comunicar e se posicionar sobre assuntos polêmicos gerou uma reação do campo progressista que passou a identificar nele elementos como a falta de coerência, baixa capacidade de articulação política ou ainda a presença de posicionamentos desprovidos de sentido.

Por fim, a investigação estabelece algumas correlações com a campanha de Donald Trump, nos Estados Unidos. Este paralelo se justifica tanto pelas alusões do candidato brasileiro ao presidente americano, quanto pelo fato da família Bolsonaro ter estabelecido uma proximidade com assessores da campanha de Trump, como o caso de Steve Bannon, fato amplamente divulgado por um dos filhos do candidato, Eduardo Bolsonaro. A perspectiva aqui defendida é a de que

embora a cultura, contexto e dinâmica política nacional tenha muitas especificidades, o candidato brasileiro tem seguido uma estratégia de comunicação muito similar ao presidente americano, especialmente por segmentar sua campanha em diferentes perfis de eleitores usando técnicas de *microtargeting* e *profiling*.

A pesquisa trata dessa multiplicidade de perfis e segmentos a partir da forma como estes perfis se tornaram presentes nas mobilizações observadas em campo (nas ruas e nas redes). Os perfis estão agrupados de acordo com marcadores de classe social, raça/etnia, identidade de gênero, religião, formas de engajamento e crenças. A investigação considera o que repudiam e o que desejam, aspiram ou imaginam para o futuro em um eventual governo presidido por Jair Bolsonaro. Ao todo, foram ouvidas mais de 1000 pessoas, entre o início de 2016 e o fim de 2018.

3. A corrupção e o “cidadão de bem”: figurações centrais

A questão mais importante a respeito da tipificação dos e das eleitores/as é a de que não existe o “eleitorado de Bolsonaro” como a caracterização de um grupo social específico. Como apontam os dados de pesquisas de intenção e a própria apuração de votos no primeiro turno, o candidato conseguiu atrair o apoio de um público cada vez mais diversificado ao longo de sua campanha. Antes de oficializar sua candidatura, os dados apontavam que de cada 4 potenciais eleitores, 3 eram homens ou ainda que 60% daqueles que declaravam intenção de voto eram jovens (entre 16 e 34 anos).

No entanto, ao longo da campanha, este perfil definido como um homem jovem se tornou cada vez mais heterogêneo, ainda que tenha se mantido a maior adesão do eleitorado masculino, mais escolarizado e com maior renda. Considerar esta mudança é relevante para se compreender as estratégias de comunicação do candidato com um público cada vez mais diversificado. Um dos maiores desafios de Bolsonaro ao longo de sua campanha foi o de atrair votos de pessoas que pertencem a grupos identitários por ele atacados em seus discursos, como mulheres, gays, indígenas. A pesquisa considera também estes perfis.

Embora os/as apoiadores/as, simpatizantes e eleitores/as de Bolsonaro componham uma diversidade de pessoas e grupos, é possível apontar determinados valores difusos capturados pela figura do “cidadão de bem”, entre homens e mulheres. Embora a ideia do “cidadão de bem” não seja uma novidade na sociedade brasileira (e já foi apontada e analisada por Esther Solano e por Marcio Moretto), esta definição passou a ser mobilizada nas manifestações públicas como um elemento de distinção entre os participantes das “manifestações pacíficas” x “manifestações de baderneiros”.

Este contraste já era visível em 2013 na comparação feita entre manifestações políticas consideradas legítimas com participantes que “respeitam da ordem” e aquelas consideradas violentas. Esta distinção foi especialmente explorada pela grande mídia como justificativa para o apoio a determinadas manifestações em detrimento de outras. A mensagem amplamente difundida baseava-se na ideia de que há um conjunto de formas adequadas para a participação em manifestações públicas, uma espécie de educação, de “etiqueta” do protesto.

As variações do conceito de “cidadão de bem” persistiram no tempo e encontraram, especialmente no ano de 2016, um refinamento de sentido na combinação com o discurso anticorrupção. A categoria antes utilizada para denotar um modo de conduta adequado, seja na vida privada seja na vida “cívica”, passou, assim a ser usada para diferenciar formas de protesto (“violentas” ou “pacíficas”) e em seguida para evocar pautas de reivindicação contra (as pessoas de bem) ou a favor da corrupção (os/as bandidas).

O “cidadão de bem” passou a designar aquele que, além de ter uma conduta individual “correta” e saber se comportar nas manifestações, se distingue dos “bandidos” (corruptos) ou de quem apoia bandidos. Assim, o “cidadão de bem” refere-se a um conjunto de condutas dos indivíduos na vida privada, a um conjunto de formas específicas de reivindicação política na vida pública e a um conjunto particular de temas e agendas que passaram a ser consideradas como legítimos. É dessa forma que o “cidadão de bem” extrapola as formas de condutas individuais e passa a designar aqueles que não são “comunistas”, “petistas” ou “de esquerda” - vistos como apoiadores da corrupção e “não trabalhadores”. Trata-se de uma noção específica de pessoa e um sentimento de pertencimento à uma forma correta de estar no mundo.

Para se compreender como o discurso contra a corrupção encontra lastro na figura do “cidadão de bem” é preciso considerar os diferentes sentidos atribuídos pelas pessoas a aquilo que chamamos de corrupção. É possível capturar seus sentidos a partir da tríade Deus, Pátria e Família - mote defendido pelos grupos de ultradireita seculares ou religiosos. A forma mais evidente da corrupção é aquela em que “políticos roubam o povo”. Esta forma seria um atentado contra a pátria e diz respeito a uma conduta pública, cívica.

Neste enquadramento, a solução proposta para corrupção é, em geral, a redução do Estado (Estado mínimo) e a substituição de políticos profissionais por figuras outsiders (estratégia amplamente explorada por Bolsonaro) ou por políticos não profissionais. A corrupção é considerada nesta perspectiva como algo “inerente” aos governos, à gestão pública, mas ausente ou pouco presente nas empresas privadas ou grandes corporações. Mesmo a corrupção do setor privado aparece, nesta perspectiva, como uma consequência da corrupção pública e não ao contrário.

Contudo, no eleitorado de Bolsonaro o termo corrupção é polissêmico. Uma outra de suas expressões é a “desordem” de costumes e valores que estariam colocando em risco a ordem familiar. Esta corrupção diz respeito, sobretudo às condutas privadas e morais, como a homossexualidade, a vida sexual desregrada e o aborto. Nesse mesmo registro, a corrupção é lida como cerceamento da liberdade individual e uma redução da importância do papel da família na formação do cidadão. O movimento Escola Sem Partido expressa essa perspectiva de que o Estado se torna corrupto quando passa a tratar no ambiente escolar de questões que seriam atribuições das famílias - como a orientação ideológica ou política ou mesmo a educação sexual.

Finalmente, mas não menos importante, numa outra interpretação, a corrupção significa “confusão entre direitos e “privilégios”. Nesta chave, são corruptas as pessoas que, no Brasil, “gozam de muitos direitos e não cumprem seus deveres”, como é o caso daquelas que se beneficiam dos programas sociais entre as/os mais pobres, de políticas de ações afirmativas entre as classes médias ou ainda das leis de incentivo à cultura entre os mais ricos. Essa perspectiva ancora as violentas críticas que são feitas ao Bolsa Família, às cotas raciais e à Lei Rouanet.

Assim, a figura do “cidadão de bem”, que luta contra todas essas formas de corrupção, é uma espécie de repositório que consegue captar e atrair para si uma série de dimensões críticas a respeito de como sociedade e poder funcionam. Essa figura, como o passar do tempo, conseguiu captar tendências “anti-sistema” (“contra todos os partidos”, “contra todos os políticos”, “contra tudo e contra todos”), para depois atrair dimensões da crítica anticorrupção (tanto em seu sentido estrito financeiro, quanto na sua forma moral, quanto em sua forma religiosa). Com o tempo, o “cidadão de bem” passou a se distinguir também de categorias, grupos e pessoas ligadas à esquerda.

Uma das expressões mais fortes desta distinção se deu quando participantes de protestos da direita passaram a exibir cartazes como “eu não recebi para estar aqui” - uma referência às denúncias de que partidos de esquerda ou sindicatos pagariam pela presença de manifestantes em seus atos. A força da categoria “cidadão de bem” vem de que ela se presta a tipificar uma espécie de barreira moral e política encarnada nas pessoas que resistem ao “avanço do comunismo”, à “ideologia de gênero”, às ameaças ao Estado de direito e ameaças à liberdade religiosa.

Apesar de isso seja aparentemente contraditório, muitas das pessoas que cabem na categoria têm a plena convicção de estarem lutando pela democracia, contra o fascismo, contra o autoritarismo e contra a perda de direitos frente a um governo autoritário de esquerda. Como já explorei em outro trabalho sobre as manifestações da extrema direita, alguns destes perfis aqui apresentados veem a si mesmos como antifascistas, já que o fascismo é entendido e descrito como uma “ideologia de esquerda”.

4. Os eleitores de Bolsonaro em caleidoscópio: as combinações entre “comunismo” e “ideologia de gênero”

A figura do “cidadão de bem” é ao mesmo tempo central e caleidoscópica, pois se adequa com facilidade a contextos e dinâmicas heterogêneas. Ou seja, se desdobra em outros perfis de apoiadores/as e eleitores/as de Jair Bolsonaro que agora tipificaremos. A análise que se segue não tem a pretensão de traçar o perfil psicológico dos eleitores, da mesma forma que não pretende tratar de uma correlação entre personalidade e percepções sobre o poder. Os resultados expressam, sobretudo, a segmentação que foi se constituindo no campo de pesquisa, ao longo do tempo e à medida em que campanha de Bolsonaro tomava corpo.

A tipificação trata de forma abstrata de diferentes dimensões mobilizadas na escolha do voto e como estas dimensões podem estar ou não sobrepostas. Ou seja, não é possível encontrar este eleitor ideal em carne e osso na frente das urnas, a menos que se construa uma visão caricata e pouco crível dos fenômenos sociais. Um eleitor “religioso” pode se mobilizar politicamente a partir das motivações do eleitor “isento” ou ainda das “mães” - tipos apresentados a seguir. Nossa perspectiva foi a de construir modelos para pensar os eleitores de modo a compreender melhor, identificar e hierarquizar diferentes dimensões mobilizadas na escolha do voto, muitas delas mobilizada pelo medo que, como se sabe, foi o terreno no qual proliferaram as *fake news*.

A partir da mobilização destes medos, pânticos e repulsa, nossa chave de leitura se dá a partir de dois elementos estruturantes que, embora com variações, se organizam em torno da combinação da acusação de “comunismo” e da “ideologia de gênero”. No caso do comunismo, na prática, tem sido alvo de acusações tanto posições de esquerda, centro e de centro direita para expressar um *temor* sentido frente a uma ideia de “esquerda”, associada à pobreza, ao autoritarismo, à corrupção, ao “bolivarianismo”, ao petismo, etc. Da mesma forma, a “ideologia de gênero” tem sido mobilizada para expressar um amplo espectro de acusações que vão desde pedofilia, transfobia, até críticas ao ensino de sexualidade nas escolas.

A combinação entre a luta contra o “comunismo” e contra a “ideologia de gênero” se torna, no caso brasileiro a materialização da combinação do que Wendy Brown aponta como duas racionalidades distintas: o *neoliberalismo* e o *neoconservadorismo*. Tratando dos Estados Unidos na era Bush, Brown faz uma análise da justaposição entre uma racionalidade baseada na desregulação e na amoralidade (neoliberalismo) e uma racionalidade baseada na regulação e na moralidade (neoconservadorismo). Apesar de aparentemente terem poucas afinidades, a combinação entre a racionalidade neoliberal e a racionalidade neoconservadora produz sujeitos indiferentes à veracidade, à liberdade política e à igualdade resultando em posições anti-democráticas.

Pretendemos ainda aprofundar a discussão sobre a combinação entre neoliberalismo e neoconservadorismo no caso brasileiro considerando suas distâncias e proximidades com os Estados Unidos. Não se trata, assim, de aplicar uma perspectiva analítica estrangeira para dar conta do fenômeno nacional, mas sim de compreender a própria base dos discursos, projetos, modelos e estratégias da direita internacional que inspira a atuação da extrema direita brasileira, sobretudo, após 2016. Não há dúvidas de que as comparações entre as eleições de Trump e Bolsonaro devem considerar as próprias especificidades dos sistemas eleitorais entre os dois países, além das diferenças entre os candidatos e os contextos locais. Entretanto, uma das questões que se tornou evidente na pesquisa é a necessidade de compreender a direita brasileira em suas conexões com movimentos como a *alternative-right* nos Estados Unidos, especialmente em relação aos modelos de masculinidades em circulação.

1. As pessoas de bem:

Instituições fortalecidas para o fim da impunidade

Perfil: Homens e mulheres de classe média, acima dos 35 anos, que “possuem família” e se preocupam com a segurança de seus filhos e, conseqüentemente, o “futuro da nação”. Não acreditam que a “justiça com as próprias mãos” possa a ser a solução para o país, repudiam a violência entre os cidadãos e desejam que as instituições sejam fortalecidas. Este perfil comporta um amplo espectro de posições que variam desde a proposta de que a Polícia Federal deveria substituir o Supremo Tribunal Federal, até aqueles que clamam pela volta da ditadura militar ou uma “intervenção militar temporária e constitucional”.

O que repudiam: Localizam na “corrupção” e na “impunidade” os maiores problemas do Brasil. Há referências também ao excesso de “injustiça” na sociedade e críticas ao “sistema vigente” na política brasileira. Expressam um sentimento de repulsa difuso ao “desgoverno petista”. A frase “direitos humanos para humanos direitos” serve como síntese para expressar que o Estado só age de maneira mais bruta ou viola direitos daqueles que não são “pessoas de bem”.

2) Masculinidade viril:

Armas para os civis fazerem justiça com as próprias mãos

Perfil: Muito próximo da “pessoa de bem”, estes perfis compartilham das mesmas características com uma exceção: a justiça não seria “terceirizada” para as instituições e sim exercida pelo próprio cidadão. Este perfil é mais comum entre homens de 20 a 35 anos e característico de homens que exibem uma performance de masculinidade viril, de diferentes classes sociais.

O que repudiam: Este perfil enxerga a violência urbana como o maior problema social e se vê como um sujeito constantemente ameaçado. Alguns homens deste perfil definem a si mesmos como “opressores”. Diante do problema da violência, o “opressor”, vislumbra no porte de armas uma solução, pois acredita que os cidadãos devem ter condições de se defender e também de praticar justiça, quando necessário. A justiça neste sentido, é vista como a capacidade de se defender de “bandidos”, mas também de se defender contra eventuais abusos do próprio Estado, leia-se uma ditadura comunista ou um governo autoritário de esquerda.

3) Nerds, gamers, hackers e haters

A construção de um mito

Perfil: Este perfil pode ou não se combinar com o da masculinidade viril. Com alta popularidade entre jovens, este grupo é composto majoritariamente por homens entre 16 a 34 anos. O perfil destes conservadores concentra-se em fóruns restritos, jogos online e caixas de comentários de sites de cultura pop em que é possível verificar falas tradicionalistas e intolerantes sobre personagens específicos do mundo dos games, quadrinhos e filmes. Além do mundo do entretenimento e jogos, a figura dos *haters* e *trolls* se fazem presentes nos comentários de portais de notícias e outras ações cibernéticas como ataques à determinadas páginas ou perfis. Esse grupo foi um dos principais responsáveis por disseminar a imagem de Bolsonaro em sua pré-campanha, o que contribuiu consideravelmente para sua atual “popularidade”. A figura em particular construída pelos *nerds*, *gamers* e *hackers* conservadores compreende a do ‘bolsomito’, lapidada a partir da produção, majoritariamente nas redes sociais, de memes centrados no candidato, geralmente acompanhados por um tom jocoso e provocador”.

O que repudiam: Agindo geralmente de forma organizada, costumam fazer campanhas de assédio online contra perfis progressistas, feministas, lésbicas e gays. Um dos casos mais famosos, que reuniu homens do mundo inteiro, o #GamerGate, foi uma tentativa de barrar a participação de mulheres nos games e plataformas online de jogos. A campanha se estendeu por outros segmentos do ramo, como quadrinhos, conhecido como #ComicsGate e a campanha de boicote a filmes que abordassem as questões de gênero e racismo.

4) Militares e ex-militares

Guerra às drogas como solução para a segurança pública

Perfil: Homens e mulheres que têm ou tiveram carreira dentro de corporações policiais e Forças Armadas (policiais, delegados, cabos, generais, majores e bombeiros). Lançam mão de seus cargos e conhecimento para propagar as ideias relacionadas à segurança pública e, também, participar da vida política.

O que repudiam: Repudiam, em sua maioria, a escalada da criminalidade, a desvalorização e o sucateamento das instituições voltadas para a segurança pública e também a falta de ordem nas instituições nacionais e na sociedade civil.

No tema da criminalidade, este perfil critica a ascensão de facções criminosas como PCC (Primeiro Comando da Capital) e CV (Comando Vermelho), vinculam esse fenômeno à despreocupação dos governos de esquerda com o tema da segurança pública, em especial, o problema do tráfico de drogas.

5) Femininas e “bolsogatas”:

Mulheres “empoderadas” para além do “mimimi”

Perfil: Perfil composto pela nova geração de “mulheres da direita”, mais presentes na classe média e média alta e elites. Elas são jovens, faixa etária dos 20 a 30 anos, sem filhos ou com filhos pequenos, com diploma em áreas diversas, atuam no mercado em diferentes profissões. São mulheres independente financeiramente que construíram sua imagem e discurso sob a perspectiva do crescimento individual. Ou como afirmam, sem precisar do “mimimi”, conhecido por elas como o “discurso de vitimização” da mulher.

O que repudiam: Usam o termo “femininas” para se contrapor às “feministas”. Seu lema é “sou feminina, mas não sou feminista”. Para elas, enquanto as feministas estão chamando atenção nas redes sociais “problematizando tudo” ou propagando a “desconstrução social”, como leis para legalizar o aborto; as femininas (que também se reconhecem como “bolsogatas” ou bolsolindas”) querem reafirmar a imagem da mulher que é bem-sucedida, sem abrir mão de aspectos de “feminilidade” ou da trajetória de ter alcançado sucesso por esforço próprio. Assim, algumas dessas mulheres repudiam mais a agenda feminista, outras repudiam mais o assédio dos homens e a violência contra a mulher. Mas em todos os casos se alinham com proposições de políticas duras contra a “corrupção”, a criminalidade e também contra a violência de gênero.

6) Mães de direita:

Por uma escola sem “ideologia de gênero”

Perfil: As mães de direita formam um perfil de mulheres entre 30 a 50 anos, com filhos em idade escolar entre o ensino fundamental e o ensino universitário. Formam um perfil de classe média baixa, com filhos tanto na escola pública quanto particular, mas predominantemente pública. Podem ser casadas, divorciadas ou chefes de família monoparental. Para este perfil, a educação (especialmente pública) é o grande campo de batalha político e ideológico.

O que repudiam: Elas afirmam não serem preconceituosas com a comunidade LGBT. Para este grupo, a questão não está na orientação sexual em si das pessoas, mas na forma como expressam sua sexualidade em público. De acordo com esta perspectiva, gays, lésbicas, bi e transexuais deveriam "viver entre os seus". Para as pessoas ouvidas, a maior parte não se importa com a união afetiva formalizada no cartório, mas acreditam que estes casais não deveriam "ensinar" nem "mostrar" esses afetos para as crianças, que precisariam ser protegidas. Essas mães defendem que a "inocência" e a "ingenuidade" infantil devem ser preservadas e temem a "doutrinação da ideologia de gênero" e/ou "doutrinação marxista" nas escolas pelos professores.

7) Homossexuais conservadores

"Homem é homem", não importa se gay ou hétero

Perfil: Composto principalmente por pessoas de 20 a 40 anos, de diferentes classes sociais, este grupo encontra meios de compatibilizar determinados ideais moralizantes a respeito da família e da educação com suas identidades de gênero e orientação sexual. Se reconhecem como "gays de direita" porque são "direitos" (e não apenas "gays da direita"). A maioria deste perfil é formada por homens, poucas mulheres lésbicas são vistas em meio ao grupo. Este perfil se combina com a "pessoa de bem" na crença de que apenas as pessoas LGBT que sofrem violência são aquelas que "dão pinta" ou "não se dão o respeito". Embora este grupo não seja numericamente a maior base de apoio a Bolsonaro, seu perfil é essencial para ajudar a comprovar a tese de que o candidato não é homofóbico e respeita as liberdades individuais.

O que repudiam: São gays contra o movimento LGBT, com forte presença dos "pais de família" desiludidos com a maneira com que o movimento LGBT tradicional tem pautado as demandas do grupo. A base comum para este perfil é o discurso "anti-corrupção" e a defesa do extermínio de "bandidos" com penas mais rígidas. Questões relacionadas aos direitos LGBT ficariam em segundo plano dada a urgência de pautas relacionadas aos "interesses da nação". Este perfil tende a naturalizar o discurso "anti gay afeminado", ou seja, uma pessoa homossexual deveria manter a "compostura" perante as pessoas mais velhas e crianças, para não oferecer exemplos de "vulgaridade em público". Compartilham da perspectiva de "homem é homem, independentemente de ser ou não gay".

8) Etnias de direita

Minorias perseguidas por se posicionarem a favor de Bolsonaro

Perfil: Composto por homens e mulheres, negros, indígenas, orientais, imigrantes, este perfil (pouco numeroso e muito diverso) começou a se tornar visível após as denúncias de que a direita e a extrema direita não comportavam entre seus militantes e representantes políticos, pessoas negras, indígenas, quilombolas e orientais. Suas principais reivindicações são no sentido de buscar maior autonomia de posicionamento político, defendendo que minorias étnicas têm sido perseguidas por se posicionarem a favor de Bolsonaro. Este é um dos últimos perfis a se tornarem mais visíveis na campanha do candidato.

O que repudiam: A atuação deste perfil é orientada pela ideia de que os governos de esquerda teriam fragmentado uma “unidade nacional” e que Bolsonaro teria como proposta um “governo unificador” baseada na ideia de que “o Brasil é um só”, como expressa o jargão propagado pelo próprio candidato. Alguns são contra as cotas, muitos são contra o “vitimismo”. A questão do desemprego é recorrentemente citada. Sua atuação visa diluir as diferenças entre as classes, etnias e gênero que, segundo essa tendência, teria sido propagadas pelos governos, intelectuais e militantes de esquerda.

9) Estudantes pela liberdade

Voto rebelde contra a “doutrinação marxista”

Perfil: Esse perfil é constituído por jovens estudantes do ensino médio ou estudantes universitários, que têm entre 14 e 30 anos, do sexo masculino e feminino. Estes estudantes não se veem contemplados pelo ambiente escolar ou acadêmico e se sentem privados da participação em grêmios e centros acadêmicos em razão de posicionamentos políticos. Este é um dos perfis mais heterogêneos por comportarem estudantes de ensino médio público e particular e estudantes de universidade pública e privada.

O que repudiam: Nos grupos de estudantes do ensino médio público temos, muitas vezes, apoiadores que enxergam Bolsonaro como um outsider e no ambiente escolar este voto se torna “descolado”. Dentre os estudantes de ensino médio privado temos aqueles que são contrários às políticas públicas que possibilitam acesso dos jovens de ensino público na universidade e também qualquer mecanismo de cota que “facilite” ou “privilegie” certas camadas sociais em detrimento de outras. Para estes, o mérito é o que deve imperar.

Entre os mais jovens, está presente uma espécie de voto rebelde, muito próximo a um voto de protesto, “votar naquilo que é diferente”. Alguns repudiam o uso de drogas entre os jovens, pois essa seria uma forma de degeneração e de desperdício da possibilidade de futuro.

Dentre os universitários, os discursos sobre cotas e mecanismos que incentivam a entrada de certos grupos sociais no ensino superior tomam maior corpo. Há um discurso mais ou menos comum dos “estudantes pela liberdade” de que somente as cotas sociais seriam suficientes, visto que a desigualdade econômica contemplaria as outras desigualdades e esse mecanismo seria suficiente para sanar as injustiças sociais. Especificamente em relação aos cursos de humanidades, fazem fortes críticas à uma “educação doutrinadora”, que não respeita os valores que os alunos trazem de casa, ou, até mesmo, de sua “formação política independente”. Vislumbram a “doutrina marxista” como uma grande ameaça à educação imparcial liberal, fazem coro a discursos sobre o “marxismo cultural” e da escola enquanto uma forma de reprodução da “ideologia comunista”.

10) Periféricos de direita

Os "pobres" que desejam o "Estado mínimo"

Perfil: Este perfil é composto por pessoas do sexo masculino e feminino que se identificam, por vezes, com a categoria “pobres de direita”. No caso da cidade de São Paulo, se identificam como moradores das periferias, são profissionais de carteira assinada, autônomos, pequenos empreendedores, desempregados e outros trabalhadores. Um discurso presente entre pessoas deste perfil é o de que o início da participação em manifestações políticas no espaço público é recente, em geral, após o ano de 2016 no contexto do impeachment.

O que repudiam: O grupo caracteriza-se pela revolta e pela denúncia da violência e da impunidade que são por eles vividas em regiões periféricas da cidade e/ou questões específicas como violência contra mulheres e crianças, estupro, problemas econômicos, desemprego, corrupção e ainda sobre a má qualidade dos serviços públicos. Segundo esta perspectiva, as posturas e propostas “de esquerda” não dão conta de resolver ou não davam a atenção necessária para estas questões, com ênfase especial à questão da segurança pública. Com este argumento, este perfil absorveu e criou um variado repertório crítico aos governos e sujeitos que se posicionavam a partir de concepções “de esquerda” e se posicionam de modo cada vez mais enfático, de forma a se distinguirem de camadas ainda mais empobrecidas.

Ou seja, ainda que se identifiquem, em alguns casos, como “pobres”, buscam manter uma distinção em relação aos mais pobres, caso dos beneficiários do Bolsa Família que, para eles, teriam pouca perspectiva crítica em relação à situação do país. Ao realizarem essa crítica, buscam assinalar uma distinção “esclarecida” das perspectivas políticas da esquerda e de seus apoiadores. Sobre uma potencial redução do papel do Estado - já que são pessoas que dependem dos serviços públicos -, na percepção de parte dos entrevistados, a defesa do Estado mínimo significa que o Estado deveria intervir o mínimo possível em questões consideradas como o campo da religião ou da vida íntima (leia-se moral) e não necessariamente implicariam em uma redução de serviços públicos, como a educação e a saúde. Compreender esse elemento nos ajuda a lidar com discursos aparentemente contraditórios em que pessoas que dependem diretamente do sistema público defendem o Estado mínimo.

11) Meritocratas:

O antipetismo dos liberais que “venceram pelo próprio mérito”

Perfil: Este perfil é caracterizado por pessoas de classe média alta e elites, com alto nível de escolarização. São empresários, advogados, médicos, intelectuais, professores, e outras profissões que se apoiam em alguma forma de autoridade. Como o nível educacional é uma forma de distinção, enfatizam como “venceram pelo próprio mérito”. Este perfil assume um dos discursos mais convictos principalmente contra a corrupção, tendo como expressão um acentuado antipetismo. Possuem uma visão mais racional e esclarecida a respeito de um projeto de Estado neoliberal ou Estado mínimo. Defendem redução ou corte de programas sociais, tendem a ver estes programas ou como privilégios ou como formas de tornar as pessoas pouco produtivas. São contra cotas e direitos dos territórios indígenas e se expressam com a máxima “é preciso ensinar a pescar e não dar o peixe”. Usam a si mesmos como exemplos ou pessoas conhecidas – como o filho da empregada que recusou entrar na universidade pelas cotas por ter dignidade e querer vencer pelo próprio mérito.

O que repudiam: Eles podem adotar posições economicamente liberais (no sentido de apoiar o livre mercado e o Estado mínimo), mas não necessariamente se adequam ao modelo representado por Bolsonaro, conservador nos costumes. Para a maioria dos meritocratas, as discussões relacionadas à gênero, sexualidade e identidades são secundárias. O que importa é que Bolsonaro não representará o modelo econômico petista que corrobora uma tendência vista como negativa na sociedade brasileira que teria “muitos direitos e poucos deveres”.

12) Influenciadores digitais

Liberais e conservadores “salvando o Brasil de se tornar uma Venezuela”

Perfil: Os influenciadores digitais estão próximos do perfil meritocrata, mas são aqueles que produzem conteúdo para as redes sociais, como Youtube, Instagram e Facebook. Podem se lançar como candidatos na política após alcançar um público relativamente numeroso. Essas figuras podem não se ver inteiramente contempladas pelas perspectivas de Jair Bolsonaro, seja política, moral ou economicamente, mas acreditam que no momento seja a melhor saída. Para parte destas pessoas, é preciso “arrumar a casa” e cuidar da corrupção para que depois possam ser implementados os projetos com que realmente concordam.

Os/as influenciadores/as tem eles/elas mesmos/as perfis heterogêneos: 1) Convertidos: pessoas que já foram comunistas, gays, feministas, ateus e militantes de esquerda, mas que abandonaram esses movimentos e assumiram uma postura de duras críticas em relações a eles. 2) Celebidades: são, muitas vezes, cantores, atletas e artistas que declaram apoio à Jair Bolsonaro, seus posicionamentos geram grande repercussão. 3) Pensadores, intelectuais e jornalistas que lançam tendências, realizam análises e, por vezes, possuem afinidades ideológicas com a direita internacional (liberal ou conservadora).

O que repudiam: Possuem uma forte repulsa ao “comunismo”, “às ideologias de esquerda” e também aos movimentos sociais ou quaisquer grupos que possuam preocupações com as minorias sociais. Possuem um discurso de denúncia contra o “autoritarismo da esquerda”, da forma como os movimentos sociais e de minorias se organizam. Têm como característica um forte sentimento antipetista e contra corrupção. Procuram “salvar o Brasil” da possibilidade de se tornar um regime de esquerda autoritário, pobre e violento que se expressaria no “risco do Brasil se tornar uma Venezuela”.

13) Líderes religiosos

A defesa da família contra o “kit gay” e outros pecados

Perfil: O líder religioso é um perfil que tem grande importância pelo papel que exerce como influenciador e como propagador de campanha e interesses, por esta razão, pode se sobrepor ao perfil do influenciador. Este perfil agrega figuras como padres, pastores, missionários, cantores evangélicos e indivíduos que têm importância e voz no meio religioso (especialmente cristão) considerado um propagador exatamente por sua posição de influência e por seu discurso gerar repercussão.

São formadores de opinião e podem ser detentores de grandes canais de comunicação como TV, cinema, rádios e outras plataformas de entretenimento religioso ou não religioso. Este perfil também diz respeito aos líderes religiosos de menor alcance em pequenas cidades, periferias, e pequenas comunidades.

O que repudiam: São arautos do que é entendido como formas de conduta adequadas e íntegras, por conta disso, repudiam a “ideologia de gênero”, que é vista como pecado e degeneração dentro das instituições religiosas. Possuem um discurso extremamente forte em relação ao que chamam “kit gay”, que estaria corrompendo as crianças na escola. Segundo eles, seriam materiais didáticos e ações que estariam “ensinando para meninos que ser menino é errado e para meninas que ser menina é errado”. São extremamente críticos ao feminismo, especialmente, na questão do aborto. Nesse contexto, seu discurso deixa claro que pautas defendidas pelo movimento feminista, movimento LGBTQ e projetos de discussão de gênero e sexualidade nas escolas estão promovendo a “destruição da família tradicional”.

14) Fieis religiosos

Cristãos pela “família tradicional”

Perfil: Este perfil se expressa pela pluralidade religiosa - são evangélicos, católicos, espíritas, entre outras crenças. Muitas vezes são indivíduos que colocam a religião e suas crenças como balizas de suas opiniões políticas. Como não há uma faixa etária, classe e nem mesmo um gênero que prevaleça neste grupo, este perfil se sobrepõe aos demais. Nas manifestações públicas têm havido uma espécie de articulação entre representantes de grupos católicos, evangélicos e defensores do estado de Israel – estes últimos, sobretudo, alertando para os riscos do que eles chamam de processo de “islamização do mundo”.

O que repudiam: Possuem a percepção de que a “família tradicional” vem sendo ameaçada nos últimos tempos e que o PT corroborou para que isso acontecesse, sobretudo com aquilo que propunham para a educação das crianças, levando “ideologia de gênero” e o “kit gay” para dentro das escolas. Acreditam que nos últimos tempos houve, no Brasil, uma inversão de valores onde há defesa do criminoso e não da vítima, o aumento do incentivo ao consumo de drogas, ao aborto e a promiscuidade por parte de jovens esquerdistas e feministas. Estes grupos estariam subvertendo a família tradicional em favor de uma possível “ditadura gayzista”.

Para este perfil, os valores cristãos e os preceitos de Deus estão sendo abandonados em detrimento de “um império de pecadores”. Além disso, também possuem um grande repúdio pela corrupção. Por vezes, até repudiam as falas de Bolsonaro, por serem contrárias ao que prega o cristianismo, mas “lutar contra a corrupção perpetrada pelos políticos é o mais importante”.

15) Monarquistas

O retorno a um passado glorioso

Perfil: Composto por um perfil diversificado, organizam-se através de encontros, conquistando uma série de adeptos nos estados do Rio de Janeiro e em São Paulo, que inclusive deram sustentação à eleição de Luiz Philippe de Orleans e Bragança, considerado príncipe na linha sucessória, como Deputado Federal. Luiz Philippe chegou a ser cogitado como vice-presidente na chapa de Bolsonaro, entre alguns apoiadores, seria uma figura até mais querida do que a de um membro do exército. A figura do “príncipe” é importante na campanha do candidato para ajudar a conformar um ideal de “passado glorioso”, que é evocado seja pelos tempos imperiais, seja pelo tempo dos militares. Em ambos os casos, se busca reforçar a “manutenção da ordem”. Assim, como a glorificação dos tempos da ditadura militar, a figura dos monarquistas ajuda a construir imagens de um passado utópico em relação a um futuro distópico e caótico.

O que repudiam: Possuem um profundo desprezo pelas correntes de ideias à esquerda e pela Teologia da Libertação, que para o grupo, agiria na ilegalidade “amordaçando a nação e excluindo fatos do passado histórico monárquico”, investindo assim contra os principais fundamentos da sociedade: a propriedade privada e a livre iniciativa. Não reconhecem a Proclamação da República do Brasil apontando que ela não poderia ter sido aceita na época porque não obteve apoio popular. A solução então seria da restauração dos poderes monárquicos, restabelecendo a família imperial Orleans Bragança na linha sucessória. O modelo seria de separação entre Chefe de Estado e Chefe de Governo e com parlamentares sendo votados pelo povo, garantindo assim “estabilidade”, “unidade” e “continuidade”, já que a República teria provocado uma situação política e social muito instável. De acordo com o grupo, o regime monárquico seria uma saída para acabar com “tudo que está aí”.

16) Isentos

“Política não se discute”

Perfil: Esse perfil é composto pelos indivíduos que expõem suas opiniões publicamente, exceto em círculos de amigos restritos e reuniões familiares. Estão incluídos nesse grupo pessoas que mantêm a opinião de que “religião, política e futebol não se discute”, ao menos em público. Característico desse perfil são as pessoas que defendem que Bolsonaro não representa a solução para os problemas do país, mas possuem um forte sentimento antipetista, anticorrupção ou antisistema. Pensam que algo precisa ser mudado e isso se materializaria com a saída do PT do governo. Este perfil repudia a violência e é formado também por aqueles que têm vergonha de admitir que votariam em Bolsonaro ou por aqueles que tendem a acompanhar o voto de seus familiares.

O que repudiam: Por não se envolverem em debates no espaço público e acreditarem que a discussão sobre política não provoca nada além de brigas e desavenças, têm uma forte repulsa à atual situação em que amigos rompem amizades e familiares se afastam. De alguma forma, localizam como fonte do problema a polarização política que gera belicosidade nas relações cotidianas e, inclusive, nas redes sociais. Tendem a ver que a polarização foi iniciada pelo PT, embora tanto a direita quanto a esquerda são vistos como agentes da violência, reforçando sua posição apaziguadora de conflitos. Em seu discurso, também está presente uma forte repulsa à corrupção, o que na verdade alimenta seu antipetismo, argumentam que a corrupção passou dos limites e que ela é uma das maiores responsáveis pela crise econômica do país.

Referências

BROWN, Wendy. American nightmare: Neoliberalism, neoconservatism, and de-democratization. *Political theory*, v. 34, n. 6, p. 690-714, 2006.

BULGARELLI, Lucas. Moralidades, direitas e direitos LGBTI nos anos 2010. In: SOLANO, Ester. *O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil*. São Paulo:

BUTLER, Judith. *Bodies in Alliance and the Politics of the Street*. European Institute for Progressive Cultural Policies, v. 9, 2011.

EKINS, Emily. *The Five Types of Trump Voters: Who They Are and What They Believe*. [S.l.: s.n.], 2017. xx p. Disponível em: <<https://www.voterstudygroup.org/publications/2016-elections/the-five-types-trump-voters>>. Acesso em: 23 out. 2018.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação. *Estudos feministas*, v. 15, n. 2, p. 291, 2007. GRAHAM, Stephen. *Cidades sitiadas: o novo urbanismo militar*. Boitempo Editorial, 2017.

[KALIL], Isabela. O que acontece aos sábados na política? Militarização e desmilitarização da vida cotidiana. [S.l.: s.n.], 2018. xx p. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2018/04/16/o-que-acontece-aos-sabados-na-politica-militarizacao-e-desmilitarizacao-da-vida-cotidiana/>>. Acesso em: 21 out. 2018.

KALIL, Isabela. How women can decide the Brazilian election. [S.l.: s.n.], 2018. xx p. Disponível em: <<https://sxpolitics.org/how-women-can-decide-the-brazilian-election/19037>>. Acesso em: 21 out. 2018.

[KALIL], Isabela Oliveira. Gênero, religião e política nos protestos contra Judith Butler. Artigo publicado no jornal Nexo, em 21 nov. 17. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/ensaio/2017/G%C3%AAnero-pol%C3%ADtica-e-religi%C3%A3o-nos-protestos-contr-Judith-Butler>

KIMMEL, Michael S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas. *Horizontes antropológicos*, v. 4, n. 9, p. 103-117, 1998.

LATOURE, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Edufba, 2012.

LEIRNER, Piero. Uma contribuição para o anti-Bolsonarismo. Brasil: [s.n.], 2018. xx p. Disponível em: <<https://www.sul21.com.br/opiniaopublica/2018/10/uma-contribuicao-para-o-anti-bolsonarismo-por-piero-leirner/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

MAUSS, Marcel. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. Sociologia e antropologia, p. 369-397, 2003.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana & SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: SOLANO, Ester. O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo:

RIBEIRO, Marcio Moretto. Antipetismo e conservadorismo no Facebook. In: SOLANO, Ester. O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo. Boitempo, 2018

SOLANO, Esther. Crise da democracia e extremismos de direita. São Paulo: Fundação Friedrich Ebert, 2018. Disponível em: <http://library.fes.de/pdf-files/bueros/brasilien/14508.pdf> Acesso em: 27 jul. 2018. Ester Fundação

TARDÁGUILA, Cristina; BENEVENUTO, Fabrício; ORTELLADO, Pablo. Fake News Is Poisoning Brazilian Politics. WhatsApp Can Stop It. The New York Times, United States, NY, 17 out. 2018. Opinion, p. xx. Disponível em <<https://www.nytimes.com/2018/10/17/opinion/brazil-election-fake-news-whatsapp.html>>. Acesso em: 23 jun. 2018.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. Public understanding of science, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

Coordenação de Pesquisa:

Isabela Oliveira Kalil

Pesquisadores:

Álex Kalil

Felipe Daniel Paludetti

Gabriela Melo

Weslei Pinheiro

Wiverson Azarias

Supervisão SPW:

Sônia Onufer Correa

Realização:



Apoio:

